

Editorial

Inauguramos hoje uma nova rubrica, que, considerando o seu inequívoco valor documental, alimentaremos ao longo do presente ano - "As Minhas Primeiras Letras". Convidámos um escritor, personalidade consensual da cidade, para fazer a primeira evocação: o Dr. Rogério Peres Claro. Álvaro Arranja e António Chitas conduzem-nos pelos escaninhos da memória local. Não esqueçamos a iconografia: uma imagem notável, pertencente ao acervo do Museu da Cidade de Lisboa, transporta-nos ao período que imediatamente antecede o 5 de Outubro.

Daniel Pires

Notícias do CEB

Teve lugar na passada quarta-feira, 30 de Maio, pelas 17,30 horas, na ex-Cadeia do Limoeiro, actual Centro de Estudos Judiciários, a assinatura de um protocolo de geminação do Centro de Estudos Bocageanos com o Centro de Estudos Nobricenses, cujo patrono é Francisco Álvares de Nóbrega.

Bocage e este escritor madeirense estiveram detidos no mesmo ano na referida prisão, tendo ambos conhecido ainda os cárceres da Inquisição.

Ivone Alves e Daniel Pires apresentarão os autores homenageados, Alexandre Aveiro e Virgínia Costa dirão, acompanhados por Rui Serôdio, os seus poemas. No final, será lançada a obra *Actas do Bicentenário de Francisco Álvares de Nóbrega* - que apresenta textos de Ivone Alves, Rui Nepomuceno e Daniel Pires - e haverá um Madeira e um Moscatel de honra. Entrada livre.

O Centro de Estudos Bocageanos vai lançar a obra de Ana Paula Rosa *Nascente de Mim*, no dia 15 de Junho, pelas 21 horas, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Setúbal, com apresentação de Ana Chora, poemas ditos por José Nobre, que será acompanhado ao piano por Rui Serôdio. Haverá ainda uma intervenção do Coral Luísa Todi. No dia 6 do próximo mês, pelas 17,30, a referida obra será lançada na Escola Secundária Dom Manuel Martins.

Está em preparação a obra *Actas de História Local*, encontro organizado pelo Centro de Estudos Bocageanos que registou assinalável sucesso.

Eleições autárquicas de 1908

No dia 1 de Novembro de 1908, precisamente nove meses após o regicídio, que vitimara o rei D. Carlos e o Príncipe Real D. Luís Filipe, realizavam-se eleições autárquicas no país.

O conselheiro Ferreira do Amaral, à época Presidente do Conselho de Ministros, em carta enviada ao rei D. Manuel II, datada de 2 de Novembro, relata-lhe a forma como decorreu o acto eleitoral, evidenciando o desespero dos monárquicos face ao crescente avanço dos republicanos.

Sobre os resultados eleitorais no distrito de Lisboa (1), refere o seguinte:

"Por agora as notícias dão em todo o país sossego. (...) Em Beja, onde se receava lista republicana, venceu a lista monárquica, o que sucedeu em todo o país, menos no distrito de Lisboa, cujos resultados completos só à tarde se podem saber. Venceram republicanos em S. Tiago do Cacém, Vila Franca, Grândola, Aldeia Galega, Lisboa e Alcochete, sendo esta última por 15 votos, e por o administrador ser tolo, e não saber contrapor a sua influência à de um médico, que para ali foi ultimamente e que é muito simpático, e um propagandista perigoso, porque é muito hábil e muito desinteressado com os pobres (2). Da Moita nada se sabe; mas é muito de recear que seja republicana. Em Almada, Barreiro, Se-



imbra e Setúbal esperamos que seja o triunfo para a lista monárquica. Segundo as participações até agora recebidas estão ganhos no distrito de Lisboa: Alenquer, Arruda, Azambuja, Cadaval, Cascais, Lourinhã, Sintra, Mafra, Oeiras, Seixal, Sobral, Torres Vedras, Loures e Alcácer do Sal. Antes da eleição de ontem, os republicanos no distrito de Lisboa tinham elementos nas câmaras de Alcá-

cer do Sal, Aldeia Galega, Alenquer, Almada, Arruda, Barreiro, Grândola, Loures, Lourinhã, S. Tiago do Cacém, Seixal, Sobral e Vila Franca de Xira. Perderam Alcácer do Sal, Alenquer, Arruda, Loures, Lourinhã, Seixal e Sobral. Ganham Alcochete, onde já na votação de deputados os votos republicanos foram superiores aos que obtiveram os monárquicos, em número quase igual àquele em que

agora foram superiores à lista monárquica. É provável que ganhem na Moita, e nós esperamos ganhar em Almada, Barreiro, Sesimbra e Setúbal. A propaganda republicana não descansa e faz-se pelos médicos, que são elementos valorosíssimos nas aldeias; os monárquicos encolhem-se. Assim, por exemplo, o Conde da Ribeira, se tivesse querido trabalhar em Vila Franca, tinha ganho; mas não o quis fazer, porque a câmara anterior, que era, como a ontem eleita, republicana, diminuiu os impostos, e está em más condições financeiras; e a que entra, ou tem de aumentá-los, ou não pode pagar aos credores, e os monárquicos não querem ter o odioso de aumentar impostos, que os republicanos diminuíram."

(1) O distrito de Setúbal só seria criado em 22 de Dezembro de 1926.

(2) O Dr. Celestino de Almeida, que foi o primeiro-ministro das colónias da República, e pertenceu ao Directório republicano, em 1906.

In "*Documentos políticos encontrados nos palácios reais depois da Revolução Republicana de 5 de Outubro de 1910*", Imprensa Nacional de Lisboa, 1915, pp. 40 e 41.

SETÚBAL E A GREVE GERAL DE 1911

Começaram em Setúbal os acontecimentos que vão originar a primeira greve geral em Portugal.

A 13 de Março de 1911, a recém-criada Guarda Republicana mata duas operárias na Avenida Luísa Todi, na sequência de uma greve dos conserveiros, acontecimento que tem grande repercussão nacional. De acordo com o jornal *O Trabalhador* de 2.7.1911, "as mulheres das fábricas de conservas, ganhavam 40 réis por cada hora de dia e 50 réis por cada hora de noite e

exigiam 50 réis por hora indistintamente". Pela primeira vez o regime republicano mandava reprimir da forma mais dura os operários que tanto tinham contribuído para a revolução de 5 de Outubro de 1910. Os "fuzilamentos de Setúbal", como ficaram conhecidos na época, marcaram a ruptura entre o movimento operário, predominantemente anarco-sindicalista, e a República.

Como reacção a estes acontecimentos, a comissão executiva do Congresso Sindicalista, convoca uma reunião das associações ope-

rárias que proclamaram, para o dia 20 de Março de 1911, uma paralisação do trabalho por 24 horas, em solidariedade com os operários de Setúbal.

Pela primeira vez se fala em greve geral em Portugal. Em Lisboa, registam-se incidentes, no Terreiro do Paço, entre grevistas e forças de cavalaria. Segundo o jornal *O Mundo*, de 21 de Março, "para os lados do Beato, Poço do Bispo e Xabregas, trabalham uns vinte mil operários; pois trabalhavam apenas ontem dois mil". Na capital "paralisaram cerca de

65000 operários". A greve afecta sobretudo Lisboa, a margem sul do Tejo e o Alentejo.

Na I República serão proclamadas mais duas greves gerais: em Janeiro de 1912 em solidariedade com a greve rural de Évora e em 18 de Novembro de 1918, contra a carestia originada pela Grande Guerra. Em 18 de Janeiro de 1934, uma greve geral é duramente reprimida pela ditadura que, em obediência total aos interesses do patronato, tinha proibido o direito à greve.

Álvaro Arranja

AS MINHAS PRIMEIRAS LETRAS

A minha entrada no mundo do ler, escrever e contar ocorreu (há 80 anos!...) em Setúbal, na Travessa dos Cobertos, que era ainda (e ainda é) afinal um beco, com começo na Praça General Luís Domingues (para mim o Jardim Velho) e término junto à linha férrea, ainda então sem apeadeiro.

Ali fui levado por minha mãe à última casa escondida na última

curva do beco, onde recebiam crianças da vizinhança ainda sem idade escolar, suponho que mais para alívio das mães do que para iniciação literária. De qualquer forma, ali aprendi as primeiras letras, não me recordo se escritas se orais, mas com certeza bem, porque, passados meses, quando minha mãe me foi resgatar, o fez sob protesto da jovem profes-

sa de ocasião, que via em mim a confirmação do seu ego docente.

Dali fui levado para a escola que uma distinta senhora mantinha no segundo andar do único prédio brazoneado da Praça do Bocage, onde foram ensinados muitos dos "meninos-bem" e das "meninas-bem" setubalenses. Ali me fiz estudante sem erros. Ali voltei após

a minha licenciatura em Letras para cumprimentar, emocionado e agradecido, a D. Maria da Conceição.

Vim mais tarde a saber que ela foi, em 1888, uma das primeiras alunas da Escola Industrial, da qual vim eu a ser director em 1961.

As voltas que o mundo dá!...

Rogério Claro